



Jacques Rancière e a escrita: entre as falhas e os desvios da emancipação

Por DANIELA CUNHA BLANCO

daniela.blanco@usp.br

Quando nos debruçamos sobre o estudo de um autor, parece-nos, a princípio, impossível separar uma certa intencionalidade autoral daquilo que compreendemos de sua escrita. Passando da leitura de um livro a outro, busca-se, assim, uma razão para as palavras e frases com as quais deparamos-nos; procura-se, ainda, o que conectaria todos os textos, todos os escritos, falas e discursos de tal autor. Se, nos muitos livros publicados, ora parece-nos que ele desvia-se daquilo que se considera como seu foco principal, ou ainda de uma certa forma da escrita que já lhe reconhecemos, logo, reconstroi-se o contexto de tal livro para encontrar as razões desse desvio. Até dizemos que *nosso autor* tem alguns momentos mais teóricos e outros, mais políticos interessados em uma inserção mais pontual em um debate atual. E tudo isso justificaria, explicaria, ou daria a ver as razões daquilo que apontamos em *nosso autor* como um desvio, como aquilo que colocaria em ruínas nossa interpretação de seu pensamento caso não fossemos capazes de abarcar também, tais momentos. Alguns livros, declarações ou textos de *nosso autor*, parecem-nos como uma rachadura na parede apenas, mas que talvez, assim como aquela percebida por Emma Bovary, seja consequência do acúmulo de água que, a qualquer nova chuva, pode desaguar e romper a parede. Parece-nos que *nosso autor* escapa-nos.

Mas o que seria isso que nos movimenta de um conceito a outro, de um capítulo ao próximo, de livro em livro de um mesmo autor? Haveria uma espécie de suspensão ou vazio entre o pensamento do autor, o texto e o leitor? Vejamos, pois, como esse problema surge em *nosso autor*, Jacques Rancière, cuja gama de temas e assuntos que perpassam seu pensamento já colocam, de início, uma dificuldade. Se nos anos 1960 Rancière aparece ligado ao grupo de estudos marxistas de Louis Althusser, atuando na *École Normale Supérieure*, já na década seguinte, após os eventos de maio de 1968, o autor irá distanciar-se do grupo e de seu mentor. Em 1980, Rancière publica o livro *La nuit des prolétaires*, preocupado com questões ligadas ao movimento operário e às possibilidades da emancipação





das classes excluídas, assunto que permanece sendo seu foco ao longo dos anos 1980. Na década seguinte, com a publicação de *La mésestante* (1995) e *Aux Bords du politique* (1998), o autor empenha-se em uma discussão com a filosofia política a partir da proposta de que esta não poderia ser pensada sem uma estética fundamental. Nesse ínterim, o filósofo publica ainda o livro *Le maître ignorant* (1987), que se insere em uma discussão que tomava corpo na França de então em torno da necessidade de se fazer uma reforma pedagógica no país. Livro que afigura-se como um texto bastante diverso que nos servirá como ocasião para pensar os textos que suspendem uma certa ordenação que atribuímos ao autor, mas sem os quais, talvez todo seu pensamento fosse diferente.

Ainda na década de 1990, o autor inicia um estudo detido da ligação entre a política e a literatura, dando corpo a sua concepção dos *regimes de identificação das artes* que seriam mais bem teorizados em um livro de 2000, *Le partage du sensible*. A partir desse momento, intercala a publicação de livros que trazem uma discussão singular das relações entre a estética e a política, e de como tais relações aparecem nas diversas linguagens artísticas. *Le fable cinématographique* (2001) e *Les écarts du cinéma* (2011), apresentam uma discussão sobre o cinema, enquanto *Le spectateur émancipé* (2008), pensa a questão da possibilidade da emancipação nas arte visuais. Há, ainda, outros livros preocupados com a discussão estética como *L'inconscient esthétique* (2001), *Malaise dans l'esthétique* (2004) e *Aisthesis* (2011). No entremeio das discussões com a arte, Rancière publica ainda *La haine de la démocratie* (2005), outro de seus livros que parecem desviar a ordenação que nos empenhamos em associar ao filósofo.

Voltemos nossa atenção a um dos livros que aqui caracterizamos como um desvio no pensamento do autor. Em *O mestre ignorante*, Rancière apresenta a tese da emancipação intelectual de Joseph Jacotot, um pensador e professor francês que viveu entre 1770 e 1840. Estudioso das línguas antigas, da matemática, do direito, das ciências e até da música, Jacotot irá desenvolver suas ideias sobre o processo de aprendizagem em 1818, quando, exilado, torna-se professor de literatura e francês da Universidade de Louvain nos Países Baixos. Estava aí montado o cenário para o desenvolvimento de um processo nada usual de ensino: um professor que não falava nem compreendia o holandês deveria ensinar à alunos que não





conheciam o francês. Diante de tal experiência, Jacotot propõe a leitura de uma tradução bilingue (francês-holandês) do livro *Telêmaco* de Fénelon. Tal proposta teria forjado em Jacotot a compreensão de que o mestre não precisaria conhecer aquilo que ensina, mas sim guiar o aluno na busca de sua própria capacidade intelectual.

A ideia central de Jacotot, entrevista por Rancière, é a da igualdade das inteligências — não pensada como ponto de partida, tão pouco como o ponto final de um progresso —, mas sim como verificação que, ao ser tomada como pressuposto de uma ação, seria capaz de emancipar intelectualmente qualquer pessoa. Para Jacotot, o processo tradicional de transmissão do conhecimento — que denomina como *embrutecedor* —, traria uma distância intransponível entre duas *inteligências*: a *inteligência do mestre* e a *inteligência do aluno*. Afinal, este, partindo sempre de um ponto atrás daquele ocupado pelo mestre, nunca seria capaz de alcançá-lo em seu progresso, tendo em vista que o mestre também continua sua progressão de aprendizado. Tal processo em que um conhecimento é transmitido ao aluno pela explicação, levaria em consideração uma incapacidade do aluno de compreender por si só um determinado conteúdo, prescindindo assim, da explicação do mestre. Jacotot, ao criticar tal visão, afirma que a própria distância colocada entre essas duas inteligências não seria possível se não fosse exatamente o oposto da desigualdade de capacidades. Afinal, até mesmo para compreender uma ordem de alguém que se coloca no jogo em uma ocupação superior, é necessário que se tenha a capacidade para compreendê-la. É assim que o autor apresenta a igualdade das inteligências; compreendida como uma comunidade primeira em que, até mesmo para a obediência a uma ordem, o inferior deve compreender o que comanda aquele que lhe seria superior.

Assim, Jacotot critica o que denomina de *razão embrutecedora* que estaria por trás de todo método esforçado em manter tal separação entre duas inteligências, e opõe-lhe a *razão emancipadora*, como aquela que colocaria fim à distância interminável entre duas inteligências, a do professor e a do aluno. “O livro — *Telêmaco* ou outro — colocado entre duas inteligências resume essa comunidade ideal que se inscreve na materialidade das coisas. O livro é a igualdade das inteligências” (2010, p. 63). Diante de tal afirmação podemos compreender que o mestre não deveria ser aquele que explicaria as razões por trás do livro,





mas sim aquele que estabeleceria uma comunidade em que a verificação da igualdade fosse o pressuposto de qualquer aprendizado possível.

Mas se trata-se de pensar uma tal razão emancipadora que prescindir de explicações, cabe aqui colocar porque Rancière teria-nos apresentado tal teoria, talvez de maneira tão explicativa. Somos introduzidos à razão emancipadora de Jacotot em uma progressão explicativa que tem início nas experiências que a encenaram, passando pelas consequências práticas e intelectuais daquelas retiradas, e culminando ainda na recepção e propagação do pensamento de Jacotot, ao longo do século XIX, como um método, mesmo que à revelia do mesmo. Não podemos deixar de notar ainda outro aspecto da forma com que Rancière apresenta-nos Jacotot: uma confusão, acreditamos que não por acaso, entre o próprio filósofo franco-argelino e o mestre francês. Quem, afinal, descreve-nos as experiências de ensino de Jacotot? Ele próprio na voz de Rancière, ou este é que, ao contrário, descreveria tais experiências?

O estranhamento que o livro *O mestre ignorante* opera em nossa experiência de leitura é provavelmente tão contingencial quanto a ordem dos livros pelos quais nos aproximamos do pensamento de Rancière. Não ignoramos tal contingência ao assumi-la como ponto de partida de nossa análise, mas estamos, ao contrário interessados nessa contingência mesma como ocasião para pensar a escrita rancieriana. Toda essa miríade de temas, assuntos, modos de lidar com a escrita diversos, e ainda a diversidade das fontes que mobiliza, dão a pensar que talvez essa introdução sobre *nosso autor* deveria ser refeita deixando de lado um sentido temporal em favor de um espacial, talvez. Poder-se-ia, assim, conceber camadas espaço-temporais divididas em blocos de interesses que ora apareceriam sozinhos, ora sobrepostos ou ainda intercalados. Como uma montagem, ou como o próprio autor explica, referindo-se ao cinema: “um tempo sequencializado, dividido em blocos de presentes amontoados uns sobre os outros que poderiam ser, por antecipação, chamados de planos-sequências” (Rancière, 2012, p. 56). E ainda, haveriam blocos de livros solitários, aos quais questionaríamos se seriam ainda blocos. Haveriam as entrevistas, falas públicas, artigos de jornais. Textos, em síntese, que apresentariam uma dificuldade de ordenação dentro de um escopo maior das teorias do autor. Pois, se em alguns momentos são encontrados pontos em





comum, razões que ligariam argumentos ou conceitos, em outros, um estranhamento persiste em nossa experiência de leitura.

Em seu livro *Políticas da Escrita*, publicado em 1995, Rancière propõe-se a pensar a dimensão *estética* da *escrita* e como ela se define como um gesto que, ao tomar parte na constituição da comunidade, possui, também, uma dimensão *política*. A *escrita* seria, diz o autor, capaz de configurar o comum e as partes exclusivas do sensível que dão forma à uma *comunidade*. Escrever, afirma:

é o ato que, aparentemente, não pode ser realizado sem significar, ao mesmo tempo, aquilo que realiza: uma relação da mão que traça linhas ou signos com o corpo que ela prolonga; desse corpo com a alma que o anima e com os outros corpos com os quais ele forma uma comunidade; dessa comunidade com a sua própria alma. [...] O ato de escrever é uma maneira de ocupar o sensível e de dar sentido a essa ocupação (Rancière, 1995, p. 7).

Tendo em vista tal concepção, seria possível a consideração de uma leitura estrutural dos textos de Rancière? De uma consideração de que todos os elementos necessários à sua interpretação estariam presentes meramente na linha argumentativa do texto? Ou ao contrário, seria necessário considerar ainda os elementos históricos, sociológicos, biográficos como fundamentais à sua interpretação? O intuito é demonstrar como tais pontos de vista estanques não seriam relevantes para uma leitura interessada em pensar as inbricações políticas e estéticas da escrita de Rancière.

Mas que lugar pode ocupar um livro desviante de nosso autor para a compreensão de sua escrita? Que caminhos pode apontar-nos um texto que mais nos aparece como uma falha no pensamento do autor? Recorremos aqui a uma metáfora que pretende não meramente apresentar um simbolismo, mas também e principalmente compreender o que estaria implicado no modo com que Rancière concebe a escrita. O escritor Gustave Flaubert, cujos livros são bastante citados por nosso autor, publica o livro *Madame Bovary* em 1857 que conta a história de Emma, uma mulher da burguesia francesa, que, entediada em seu casamento, vive algumas aventuras amorosas extraconjugais. Partiremos de um trecho de sua história para construir nossa metáfora, mais que metáfora.

Quanto a Emma, não se interrogava para saber se o amava. O amor, acreditava ela, devia chegar de repente, com grandes brilhos e fulgurações — tufão dos céus que cai sobre a vida,





revira-a, arranca as vontades como folhas e carrega para o abismo o coração inteiro. Não sabe que, no terraço das casas, a chuva faz lagos quando as calhas estão entupidas, e ela permaneceu assim em sua segurança, quando descobriu subitamente uma rachadura na parede.” (Flaubert, p. 192, 2011)

Se queremos aqui construir uma fórmula que pode ser sintetizada como *Jacques Rancière, tal qual Emma Bovary*, não quizemos dar ao *tal qual* um sentido de metáfora apenas, mas propor uma abordagem específica da *escrita* do filósofo a partir do modo como concebe uma relação intrínseca entre a *escrita* e a *política*, e anteriormente, entre a *estética* e a *política*. Tentemos, pois, compreender como esses elementos estão colocados em jogo no livro de Gustave Flaubert.

O que o trecho retirado do livro nos mostra é que a paixão de Emma Bovary desagua a partir não daquilo que explicaria racionalmente sua percepção, tão pouco dos sintomas racionalmente analisáveis, mas sim de um elemento sensível inscrito na materialidade de uma coisa inanimada. A percepção da fenda na parede afigura-se como um ponto de virada da narrativa a partir do qual nada pode ser deduzido, mas, a partir do que nada mais permanecerá como antes. Tudo se passa como se a construção narrativa da história fosse suspensa por uma falha, uma fenda nas entrelinhas, da qual tudo derivaria sem que pudessemos reconstruir a lógica de uma ligação de causa e efeito, pois a fenda não é *causa* da paixão, tanto quanto esta não é *efeito* daquela. Transpor tal ideia para uma leitura de Rancière significaria pensar, não a ordem racional que liga um conceito a outro, um livro a outro, mas sim o sensível de sua escrita. Segundo tal ponto de vista, se percebemos algo diverso em algum de seus textos não é porque trataria de um tema, conceito ou teoria que nos seriam estranhos, mas sim porque sentiríamos, na materialidade do texto, a experiência de um estranhamento.

A partir de tal compreensão propomos pensar o estranhamento da experiência de leitura do livro *O mestre ignorante* tal qual a fenda na parede de Madame Bovary que faz desaguar todo o sentido presente na materialidade do sensível. A percepção da paixão da personagem do livro do século XIX não é explicada ou colocada em uma ordem racional por essa percepção sensível, mas parece a ela estar conectada de maneira indissolúvel. Assim também ocorreria, segundo nossa hipótese, com o *O mestre ignorante* de Rancière. Tudo se passaria como se não pudessemos compreender o lugar que ocuparia a explicação sobre a



emancipação no pensamento do autor, não haveria ordem racional possível para explicar tal falha. Mas, ao mesmo tempo, o pensamento do autor não poderia passar sem ela. Tal qual Emma, o pensamento de Rancière não poderia ser compreendido racionalmente a partir da explicação da emancipação, mas tão pouco poderia dela prescindir.

Trata-se de compreender a *escrita* como uma experiência que estabelece uma *comunidade*, que opera uma *partilha do sensível*, entendida por Rancière (2009) como

o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um *comum* e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa portanto, ao mesmo tempo, um *comum* partilhado e partes exclusivas (p. 15).

Pretende-se compreender o pensamento da *escrita* de Jacques Rancière a partir da seguinte questão: que *partilha do sensível* ela operaria? Com isso, afirmar-se-ia a importância de tal conceito, não apenas como algo sobre o qual o autor discorreria, mas também e principalmente, como operador de sua escrita. Na asserção de que sua escrita *opera* algo, há a ideia de que produz uma *partilha do sensível* que embaralha as identificações e categorias que delimitam certos espaços ditos especializados; uma escrita que não simplesmente diz ou explica algo sobre seus objetos, mas realiza de alguma maneira algo sobre aquilo mesmo que diz.

Intui-se, assim, pensar como o livro *O mestre ignorante*, ao realizar aquilo que afirma não ser seu intuito, aparece-nos como uma falha no pensamento de Rancière. Mas não pretende-se com isso, criticar o livro em questão ou mesmo compreender a falha em um sentido pejorativo, mas sim propor que sua compreensão deva levar em consideração um espectro mais amplo do pensamento do autor. A hipótese é de que a tese da igualdade das inteligências e a da emancipação intelectual como ali apresentada em uma releitura de Jacotot por Rancière, embasaria todo o seu pensamento político. Até mesmo os livros mais recentes do autor – em que debruça-se sobre as questões relativas à estética e às diversas linguagens artísticas –, trazem uma discussão que não se fecha em um campo específico como se este estivesse separado das formas de vida, mas ao contrário, a estética seria necessariamente política, assim como esta teria necessariamente um aspecto estético. E nessa concepção da imbricação entre estética e política como algo fundante, e não como algo que aconteceria de





tempos em tempos, está pressuposto o princípio de igualdade teorizado por Jacotot tanto quanto a emancipação intelectual.

Mas tal princípio, como bem sabemos, não poderia ser explicado sem incorrer no risco de operar uma lógica embrutecedora. Poderíamos, assim, afirmar que, ao explicar no livro *O mestre ignorante* a tese da igualdade das inteligências, Rancière teria operado tal embrutecimento da razão, inviabilizando sua própria teorização. Mas ao mesmo tempo, não podemos negar como o livro em questão é um ponto do qual todo seu pensamento posterior ou anterior não pode prescindir. Tal qual a fenda na parede de Emma Bovary, o pensamento de Rancière estaria conectado às ideias desenvolvidas em *O mestre ignorante*, sem que pudéssemos reconstruir uma ligação de causa e efeito dessa ligação. A percepção da fenda na parede por Emma, tal qual a experiência de leitura de *O mestre ignorante*, são pontos de suspensão da narrativa, pontos fora da ordem racional a partir dos quais nada poderia ser deduzido; no entanto, a partir dos quais nada permanece como apenas. O estranhamento de Emma está na materialidade sensível da parede, tanto quanto o estranhamento de Rancière está na materialidade sensível de sua escrita.

Tal discussão demonstra ser profícua tanto para o campo da filosofia quanto da educação, dadas as questões que coloca para os pesquisadores interessados no pensamento do autor em questão. Como pensar a emancipação para além de uma questão de método ou modelo, como muitas vezes tendemos a fazer? Ou, em outros termos, como escapar das armadilhas postas pela própria escrita de Rancière?





Referencias

FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

RANCIÈRE, Jacques. *A associação entre arte e política segundo o filósofo Jacques Rancière: entrevista*. Paris: 2009. Cult, São Paulo, n. 139, p.16-21, setembro de 2009. Entrevista concedida a Gabriela Longman e Diego Viana.

_____. *A comunidade estética*. Trad. André Gracindo e Ivana Grehs. In: Revista Poiesis, Niterói, n. 17, p. 168-187, 2011a.

_____. *As distâncias do cinema*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012a.

_____. *A fábula cinematográfica*. Trad. Christian Pierre Kasper. Campinas: Papirus, 2013a.

_____. *A noite dos proletários*. Trad. Luís Leitão. Lisboa: Antígona, 2012b.

_____. *A partilha do sensível: estética e política*. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo: Ed. 34, 2005a.

_____. *A revolução estética e seus resultados*. In: New Left Review, NLR 14, Março-Abril 2002, pp. 133- 15, disponível em: [http:// newleftreview. org/](http://newleftreview.org/).

_____. *Aisthesis: scenes du régime esthétique de l'art*. Paris: Galilée, 2011b.

_____. *Aisthesis: scenes from the aesthetic regime of art*. Trad. Zakir Paul. Londres: Verso, 2013b.

_____. *Aux bords du politique*. Paris: La Fabrique-Éditions, 1998.

_____. *Malaise dans l'esthétique*. Paris: Éditions Galilée, 2004

_____. *Nas margens do político*. Trad. Vanessa Brito e João Pedro Cachopo. Lisboa: KKYM, 2014.

_____. *O desentendimento: política e filosofia*. Trad. Ângela Leite Lopes. São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. *O destino das imagens*. Trad. Mônica Costa Netto. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012c.





_____. *O espectador emancipado*. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012d.

_____. *O inconsciente estético*. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo: Ed. 34, 2009.

_____. *O mestre ignorante*. Trad. Lílian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____. *O ódio à democracia*. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2014.

_____. *Políticas da Escrita*. Trad. Raquel Ramallete. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995

_____. *Sobre políticas estéticas*. Trad. Manuel Arranz. Barcelona: Servei de Publicacions de la Universitat Autònoma de Barcelona, 2005b.